

PONTO e VÍRGULA

Suplemento escolar do secundário

n.º **6**

abril

IX série

Educação

03.

**RUMO A UM PORTUGAL
MAIS DEMOCRÁTICO**

06.

DOIS MIL MENOS DOIS

07.

**ÀS MULHERES
DA MINHA VIDA**

Ponto e Vírgula compactado
Fátima Pestana
ES de Jaime Moniz (Funchal)



DIÁRIO
de Notícias

ESTE SUPLEMENTO FAZ PARTE INTEGRANTE DO DIÁRIO DE NOTÍCIAS E NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

EUNICE JOSÉ ALENCASTRE

EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva (Funchal)



SERÁ QUE NÃO APRENDEMOS COM OS NOSSOS ERROS?

Desde muito cedo, aprendemos o que aconteceu no passado, desde as invasões mais sangrentas até aos descobrimentos mais valorosos. Aprendemos que, para o mundo ser como é atualmente, tivemos de passar por imensas guerras, provações, fome muito sofrimento. Nos dias atuais, vive-se uma popularização da coesão social, tendo sido criadas associações que integram vários países para estabelecer essa coesão, sendo uma delas a União Europeia.

Mesmo com todas estas medidas, tratados e associações e, também, com o excessivo reforço dos direitos humanos com as mais variadas manifestações, ainda em pleno século XXI vemos o mundo em guerra. O ataque a Israel pelo grupo terrorista Hamas e resposta que se lhe seguiu é disso um exemplo. Como é que ainda existem grupos terroristas? Como é que, após o holocausto, ainda acontecem genocídios em várias partes do mundo? Como é que países desenvolvidos, com conhecimento do que foi o passado, ainda apoiam a guerra e a morte de pessoas

inocentes sem culpa das divergências entre os seus governantes? Como é que se pede e se obriga a participar na guerra e a matar seres humanos? Com o passar do tempo, apercebemo-nos que, afinal, não aprendemos com os nossos antepassados. Os feitos que nos legaram não foram devidamente reconhecidos. Lembro, por exemplo, a Revolução do 25 de Abril, que nos trouxe a liberdade, que temos como garantida e que pensamos ser universal, mas não é. Ainda há muitas pessoas que não sabem o que é ser livre.

Fala-se muito em desenvolvimento económico, em aumentar o produto interno bruto, em reforçar a coesão territorial, social e económica, tudo aspetos importantes, sem dúvida, mas para que servem, se não existe paz entre os povos, liberdade e poder de escolha? A guerra, a instabilidade social e territorial, a violência, a intolerância, que já nos têm levado a tantas guerras, algumas até mundiais, continuam a fazer parte do dia a dia do mundo. Não deveríamos já ter aprendido com o passado e viver um presente mais pacífico?

Sabrina Viveiros
ES de Francisco Franco (Funchal)



Durante toda a minha infância, os jornais sempre me despertaram o interesse. O meu avô não passava sem o seu diário ao pequeno almoço, tanto que uma subscrição anual no Diário de Notícias foi muitas vezes prenda de Natal. Por também gostar imenso de escrever, o objetivo de ver algo da minha autoria num jornal veio muito cedo, ainda por cima no jornal que o meu avô lia. Por isso quero agradecer por ter esta oportunidade incrível, e dedicar esta conquista à minha estrelinha brilhante que decerto está a celebrar tanto quanto eu.

Nostalgias à parte, queria destacar o texto da Natacha Batista, que se encontra na página 3, sobre a importância do voto, já que este é muito pertinente tendo em conta a celebração dos cinquenta anos do 25 de Abril, e ressalta o quão importante é exercer este dever cívico. É imperativo que as gerações que não viveram o

período de opressão compreendam que é necessário fazer com que as nossas opiniões e ideias sejam escutadas pelos líderes do País.

Outro artigo que me cativou a atenção foi o da Luana Traqueia, aluna da APEL, que fala das mulheres em que se vê refletida e recorda episódios do seu crescimento. Num mundo onde a mulher é ainda em muitos lugares menosprezada e maltratada, é crucial continuar a falar da importância que elas têm nas nossas vidas e na sociedade. Por fim, gostaria que espreitassem o texto da Corina Lesan, que é comovente e pode ser interpretado de diversas formas, todas elas muito impactantes.

Apesar dos destacados, todos os artigos desta edição são únicos e carregam mensagens importantes, escritas por vozes da nossa geração. Muito obrigada e **BOAS LEITURAS!**



ARTIGO de OPINIÃO



ILUSTRAÇÃO



Ilustração elaborada no âmbito do projeto 'AS POTENCIALIDADES NOS ECOSISTEMAS'

Joana Faria
ES de Francisco Franco (Funchal)



ARTIGO de OPINIÃO

RUMO A UM PORTUGAL MAIS DEMOCRÁTICO

No passado mês de março, o mês das flores e dos primeiros dias solarengos, realizou-se um evento importantíssimo para a nossa sociedade: as eleições! Este direito de sufrágio, que nos foi presenteado há 50 anos, no tão memorável dia 25 de Abril, é por muitos, hoje, desperdiçado.

Nós, jovens, o coração de Portugal, aqueles que têm uma capacidade racional incrível, por que não usufruir deste direito da maneira mais sensata? Usar a oportunidade para fazer a mudança e deixar a ignorância para trás? Valorizar a nossa terra, que tanto de bom tem para oferecer? A maioria já esteve mais longe, e nas próximas votações não podemos fazer parte da abstenção. **É só a mim que me preocupa a quantidade de portugueses que foram ingratos e não se deram ao prazer de fazer uma cruz no partido com que mais se identificavam?** Tudo isto é um mísero retrocesso, uma razão para murchar as flores desta primavera, bem como o coração da pátria portuguesa.

Não obstante, há aqueles que cumprem o seu papel de votantes sem perder uns minutos do seu tempo, que iam

ser ganhos nos quatro anos seguintes, analisando as medidas propostas pelos partidos. São como um pássaro perdido do seu ninho, a voar sem rumo, sem qualquer intenção, apenas com o desejo de um dia ser feliz. Assim é o português ignorante: vota por querer um país melhor, mas nem imagina no que acabou de votar. Apenas vota. Onde está o pensamento crítico, o ser astuto que luta pelos seus objetivos? É agora apenas um pássaro perdido, que nem sonha com o que lhe espera nos tempos seguintes. É este comportamento que tem de mudar e nós, jovens, somos os próximos. Não nos esqueçamos de saltar na armadilha da indiferença e fazer as coisas conscientemente!

Eis o meu apelo, o meu desejo por um Portugal mais democrático e acolhedor, onde o nosso papel jamais será irrelevante. Por isso, nunca permitamos que o nosso voto não valha a pena e usemo-lo da melhor maneira possível! Façamos isto por nós e pelo nosso país!

Natacha Batista
EBS da Ponta do Sol

ERRATA

Na página 3 da edição de março de 2024 do PV, no artigo da autoria da aluna Natacha Batista da EBS da Ponta do Sol, onde se lê 'PATINHAS FELIZES', deve ler-se 'PATINHAS AO SOL'. Aos visados, apresentamos as nossas desculpas.

A MINHA GERAÇÃO DE OURO

A nossa geração tem muito para oferecer, em qualquer área, desde a tecnologia à arte, passando pelo ensino, à arquitetura, ao jornalismo e outras. E no desporto? Quem são? Que títulos alcançaram? Que sonhos querem realizar?

Falámos com dois exemplos de ouro, a patinadora Madalena Costa, da Escola da APEL, e o jogador de badminton Tiago Berenguer, da ES de Francisco Franco. Dois galardoados, entre tantos outros colegas madeirenses, alunos de secundário e atletas, que também obtiveram resultados nacionais e internacionais de grande nível.

Na patinagem, Madalena Costa alcançou títulos como Campeã da Europa e do Mundo, a nível júnior, é Campeã Nacional, título que ganhou sete vezes consecutivas, entre outras vitórias nacionais e internacionais. No badminton, Tiago Berenguer tornou-se campeão europeu nos sub-15, liderou o ranking europeu dos sub-17 e é bicampeão nacional, tendo atingido o seu décimo sexto título individual.

Desde novos que descobriram a paixão pelos desportos, mas não escondem a exigência que as modalidades têm, quer a nível físico e intelectual, como criativo e de elegância, no caso da patinagem. Quando entram para realizar provas ou atuações, ambos afirmam ficar nervosos, no entanto, relembram-se dos planos delineados pelos treinadores, dos treinos feitos e mantêm-se firmes e confiantes.

O badminton fará parte do futuro do Tiago, que tem como objetivos chegar ao top 8 no mundial de sub-19 e obter bolsa dos Jogos Olímpicos, o que lhe permitirá fazer estágios nas Olimpíadas e participar nas mesmas em 2028, em Los Angeles. Na patinagem é ponto assente para a Madalena Costa que o desporto fará parte do seu futuro. Pretende, para já, reconquistar os títulos da passada época e, no futuro, fundar a sua própria escola de patinagem, tornar-se treinadora e coreógrafa na modalidade e, se a mesma se tornar um desporto olímpico, gostaria de trazer uma medalha para Portugal.

Júlia Caldeira e Gonçalo Araújo
Escola da APEL(Funchal)



TECNOLOGIA

OBJETO VOADOR BEM IDENTIFICADO

Num futuro próximo, os céus serão dominados por uma revolução tecnológica que mudará a forma como interagimos com o mundo ao nosso redor: a era dos **drones**. Essas pequenas maravilhas da engenharia voarão por cima das nossas cabeças em diversas áreas da vida quotidiana.

Imagina um mundo em que os **drones** se tornam os principais entregadores de encomendas. Com a sua agilidade e velocidade, serão capazes de entregar encomendas em minutos e eliminarão as preocupações com os prazos de entrega. Para além disso, com a capacidade de voar sobre obstáculos e congestionamentos nas ruas, tornarão as entregas mais eficientes do que nunca.

Limitar-se-ão estas aeronaves à entrega de mercadorias? Claro que não! Elas também desempenharão papéis fundamentais em áreas como a agricultura, por exemplo, a monitorizar as colheitas, a aplicar fertilizantes e pesticidas onde necessário. Isso não só aumentará a produtividade, como também reduzirá o uso excessivo de produtos químicos, tornando a agricultura mais sustentável.

Do mesmo modo, os **drones** abrirão novas potencialidades na área do entretenimento. Servirão como câmaras voadoras em eventos desportivos, concertos e filmes, a proporcionar ângulos de visualização únicos e imersivos para o público.

No entanto, surgirão também preocupações com a privacidade e a segurança. Será necessário desenvolver regulamentações rigorosas para garantir que estes dispositivos sejam usados de maneira ética e responsável, de forma a proteger os direitos individuais.

O futuro promete transformar a nossa maneira de viver, trabalhar e interagir uns com os outros. Com um potencial ilimitado, estes objetos voadores bem identificados estão preparados para se tornarem numa parte indispensável nas nossas vidas.

E TU? GOSTARIAS DE TÊ-LOS À TUA DISPOSIÇÃO PARA COMPLETAR TAREFAS PARA TI?

Tomás Nóbrega
ES de Jaime Moniz (Funchal)



ARTIGO de OPINIÃO



Madalena Costa



Tiago Berenguer

GERAÇÕES UNIDAS POR UM FUTURO MAIS VERDE

No dia 13 de março de 2024, o Paul da Serra transformou-se no palco de uma saga, com a missão 'Plantar o Futuro'. Tratou-se de uma expedição composta por 70 alunos e sete professores, oriundos da Escola Básica e Secundária D.ª Lucinda Andrade, da Escola Básica e Secundária com Pré-Escolar e Creche do Porto Moniz e da Escola Básica e Secundária da Calheta, que se uniram com um objetivo comum: semear esperança e vida na terra fértil da serra. Estiveram também presentes elementos da Secretaria Regional de Educação, Ciência e Tecnologia, em articulação com o Projeto 'Ponto e Vírgula', o Instituto das Florestas e Conservação da Natureza (IFCN), a Polícia Florestal e a Cruz Vermelha. Ao chegarem ao Paul da Serra, todos os participantes ficaram impressionados

com a imponência da serra e a beleza da natureza intocada. Antes da ação de plantar árvores, os participantes assistiram a uma palestra inspiradora sobre a importância da preservação ambiental. A palestra, ministrada por um especialista do IFCN, sensibilizou os alunos para a necessidade de proteger a natureza e os seus recursos. Munidos de enxadas, os alunos abriram cuidadosamente covas na terra e plantaram cerca de 80 mudas de espécies autóctones, metulosamente selecionadas pelo IFCN por serem as mais adequadas ao clima e à região. A alegria e o empenho dos alunos eram contagiante. Cada muda plantada representava um compromisso com o futuro, um gesto de amor pelo planeta e um passo em direção a um mundo mais verde e sustentável. A missão 'Plantar



EDUCAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE

o Futuro' não se limitou à plantação de árvores. A iniciativa semeou esperança e consciência ambiental nos corações e pensamento de todos os envolvidos. Alunos, professores e o IFCN uniram-se para construir um futuro mais verde para a Serra do Paul da Serra e para o planeta Terra. A iniciativa 'Plantar o Futuro', é apenas o início de uma jornada longa e importante.

O compromisso de proteger o ambiente e de garantir um futuro sustentável para as próximas gerações é de todos nós. Através da educação ambiental, da participação ativa da comunidade e da colaboração entre diferentes entidades, podemos construir um mundo mais verde, mais saudável e mais próspero para todos.



José Pedro Afonso e Deivis Fernandes
EBS/PE/C do Porto Moniz



A EBS/PE/C DO PORTO MONIZ

32 ANOS A TECER HORIZONTES LUMINOSOS

A Escola Básica e Secundária com Pré-escolar e Creche do Porto Moniz comemorou 32 anos, no dia 21 de fevereiro de 2024, assinalando uma jornada de compromisso com a comunidade, através de uma educação de qualidade.

Desde a sua fundação, no ano letivo 1992/1993, passando pela consolidação da autonomia nos anos seguintes, até à oferta do ensino secundário em 2000/2001, a escola tem sido um farol de oportunidades para os jovens do concelho. Ao longo destes 32 anos, a instituição tem formado cidadãos conscientes e preparados para os desafios do futuro.

A cerimónia de aniversário foi um vibrante mosaico de emoções, com as atuações musicais dos alunos do Clube de Música, dinamizado pelo professor Simão Câmara, e do Projeto dos Cordofones, dinamizado pelo prof. Rui Freitas, com destaque para a interpretação do tema 'Nas levadas da Madeira', da autoria deste docente. Deu-se o momento dos discursos proferidos pelas entidades oficiais, com vista a enaltecer e a celebrar as conquistas alcançadas e ainda a

cerimónia de entrega de prémios de mérito e de excelência aos alunos com melhor aproveitamento, no ano letivo anterior, em cada ano de escolaridade. Este dia foi ainda uma oportunidade de homenagear duas docentes e duas assistentes operacionais, que se aposentaram durante o último ano, e ainda uma homenagem especial a uma assistente operacional que já não se encontra entre nós.

A EBS/PE/C do Porto Moniz, guiando 285 alunos desde a creche até ao 12.º ano, mantém a sua missão de formar cidadãos completos, prontos para enfrentar um mundo em constante transformação. A comunidade escolar, unida por um compromisso inabalável com a qualidade da educação, assegura um ambiente inclusivo e positivo para o desenvolvimento dos alunos. A história da EBS/PE/C do Porto Moniz é um legado inspirador, refletindo o sucesso moldado nas rochas da educação. A cerimónia de aniversário não apenas celebrou as conquistas passadas, mas também renovou o compromisso com a qualidade do ensino e projetou um futuro promissor para as novas gerações, plantando as sementes de um mundo melhor.

José Pedro Afonso e Deivis Fernandes
EBS/PE/C do Porto Moniz



PLAZA MADEIRA

grande ideia

CONCURSO ESCOLAR



Se és aluno do secundário,
PARTICIPA na tua escola! //

BRINCADEIRAS GEOMÉTRICAS COM TRADIÇÃO

José Luís Remesso
EBS de Machico



OS SALGUEIRO

A família Costa Salgueiro vivia na pacata cidade do Funchal. O patriarca, o senhor António, era um homem trabalhador e dedicado, que possuía uma fábrica de móveis na região. O seu filho mais velho, João, sempre fora considerado o exemplo da família, mas escondia alguns segredos. Julgava-se que se tinha formado em Gestão, mas não concluíra a licenciatura. Além disso, ele travava uma luta contra o seu vício no jogo, do qual ninguém tinha conhecimento. Ele casou-se com uma mulher encantadora, chamada Ana. A filha do meio, Sofia, era uma mulher brilhante e talentosa. Formara-se em Direito e tornara-se uma advogada de sucesso. No entanto, decidiu deixar a sua cidade à procura de novas oportunidades. O caçula da família, o Pedro, era um jovem sensível e corajoso. Infelizmente, ele era vítima de *bullying* na escola, o que o deixava fragilizado. Para superar esta dificuldade, iniciou tratamento psicoterapêutico e os seus pais decidiram transferi-lo para uma escola profissional na área militar, pois este sonhava ser sargento.

Um dia, o senhor António recebeu uma notícia devastadora: foi diagnosticado com uma doença terminal e tinha apenas três meses de vida. Com o coração pesado, chamou Pedro e pediu-lhe que o ajudasse a orientar João, seu irmão mais velho, após a sua partida. Efetivamente veio a morrer algum tempo depois. Após a sua morte, a família reuniu-se para ler o testamento. Para surpresa de todos, o senhor António deixou a fábrica ao Pedro, o filho mais novo. João ficou frustrado, pois sempre acreditou que o seu pai lhe entregaria o negócio da família. Pedro, por sua vez, ficou surpreso e, determinado a honrar a confiança do seu pai, assumiu a fábrica e trabalhou incansavelmente para expandir os negócios e tornar a empresa ainda mais bem-sucedida. Enquanto isso, João enfrentava os seus próprios problemas. A sua esposa Ana descobriu o seu vício em apostas e confrontou-o, exigindo que procurasse ajuda. Finalmente reconheceu os seus erros e procurou apoio para ganhar novamente a confiança da sua família. Sofia, ao mesmo tempo, iniciou uma carreira de sucesso como advogada. Conseguiu uma oportunidade incrível numa afamada empresa de advocacia em Lisboa e aí permaneceu.

Com o apoio da sua família e a sua determinação, Pedro transformou a fábrica numa empresa de renome internacional. A sua paixão pelo trabalho e o seu carisma conquistaram não apenas os seus funcionários, mas também os seus clientes, que reconheciam a qualidade e o comprometimento da empresa. A família Costa Salgueiro passou por muitas dificuldades e desafios ao longo do caminho, mas sempre encontrou força e união para superá-los. Com amor, apoio mútuo e perseverança, conseguiu seguir em frente, deixando um legado de superação e união para as gerações futuras.



Fabiana Valente
EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva
(Funchal)



REPORTAGEM

ALERTA PARA OS PERIGOS DO MUNDO VIRTUAL

No auditório da EB/PE Dr. Eduardo Brazão de Castro, no passado dia 14 de março, realizou-se o **Grande Noticiário Escolar**, que expôs os trabalhos produzidos para o **1.º Concurso de Educação para os Média**, dinamizado pelo EDUCAmédia, um programa da Secretaria Regional de Educação, Ciência e Tecnologia, cujo objetivo é sensibilizar e fomentar o sentido crítico sobre o consumo dos meios de comunicação digitais. Neste evento, os presentes tiveram a oportunidade de testemunhar a produção e a gravação em direto de um telejornal sob o tema **Cidadania Digital**. Vários alunos de algumas escolas da região assumiram com grande mérito o papel de jornalistas, *pivots* e repórteres, e apresentaram os spots publicitários e as reportagens a concurso, atribuíram prémios às melhores prestações, entrevistaram o Secretário Regional de Educação, Ciência e Tecnologia, Jorge Carvalho, o diretor do *Diário de Notícias*, Ricardo Oliveira, e o repórter mais jovem, um aluno do 1.º ciclo, entrevistou irreprensivelmente dois elementos da plateia. Perder o medo de falar em público, saber colocar a voz e trabalhar com vídeo e som são «ferramentas importantes para o futuro, sobretudo para quem quer trabalhar no mundo digital», na opinião da *pivot* Carolina Plácido. Para Madalena Vasconcelos, esta foi uma experiência enriquecedora, pois sempre sentiu curiosidade em saber como funcionava um noticiário por trás das câmaras. A cidadania digital é um **alerta para os perigos do mundo virtual**. Segundo Vasco Cunha, professor responsável pela atividade, «é importante focar na comunicação para que os alunos percebam os riscos, não só para se defenderem, como também filtrarem essa informação e aproveitá-la para a sua aprendizagem». Seguramente este concurso contribuiu para aprofundar os estudos nesta área de educação e os trabalhos produzidos têm ajudado a desenvolver métodos inovadores ligados à comunicação e à produção audiovisual nas escolas.

Bruno Mendonça
ES de Jaime Moniz (Funchal)



UMA ESTADIA ENCANTADORA



Foi com a voz estrondosa da minha mãe que acordei num dia encoberto. Marcava-se a data de 29 de novembro de 1860 e a brisa amena que senti ao levantar-me melhorou o meu humor. Para variar, hoje não tive de trabalhar, já que se assinalava um momento especial para a Madeira. Assim, depois de comer, dirigi-me para perto do forte de São José da Pontinha juntamente com outras centenas de pessoas. Todos bradavam de alegria, esperando ansiosamente a chegada da imperatriz da Áustria-Hungria, Sissi, como era chamada. Uma recepção calorosa havia sido preparada pela Câmara Municipal do Funchal e eu, João, estava entusiasmado para colaborar.

Foi por volta das 8h30 que avistámos dois navios ao longe. Pouco depois, quando já se encontravam perto do cais, uma chalupa e uma lancha transportaram para terra o Comandante do Porto e o Cônsul da Áustria, cujos nomes eu não sabia. 21 tiros saudaram as embarcações e, por volta das 9h30, consegui avistar o Bispo, o Governador Civil e o Comandante Militar a entrar no navio, para saudar a imperatriz. Quando, finalmente, vi sair da embarcação

Victoria & Albert uma figura feminina, alta e magra, o meu coração parou. Nunca na minha vida havia visto mulher de tal silhueta encantadora e beleza divina. Ouviram-se mais tiros e foguetes, enquanto as pessoas à minha volta gritavam de felicidade. A imperatriz Sissi, acompanhada por algumas autoridades, dirigiu-se à Quinta de Mr. Davies, onde ia ficar alojada. A gente que passava nas ruas comentava que a sua visita se relacionava com a saúde, já que a Madeira seria o sítio ideal para melhorar, mas outras vozes afirmavam que queria fugir às suas obrigações como membro da corte. Eu não sabia em que acreditar, apenas sabia que queria vê-la todos os dias.

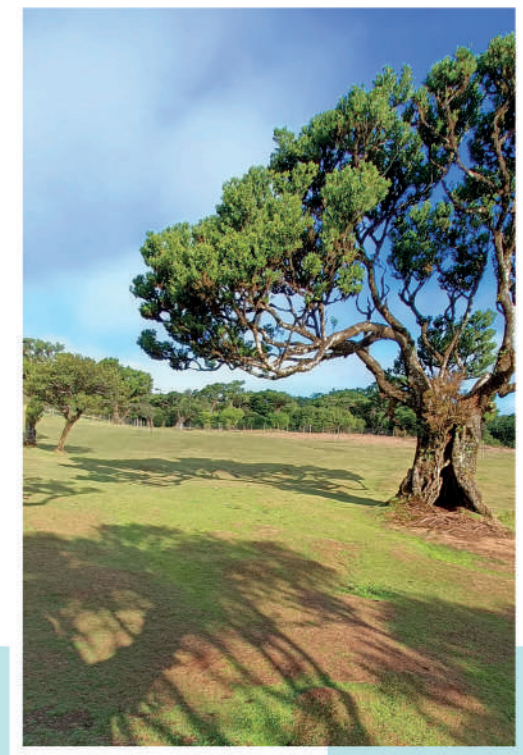
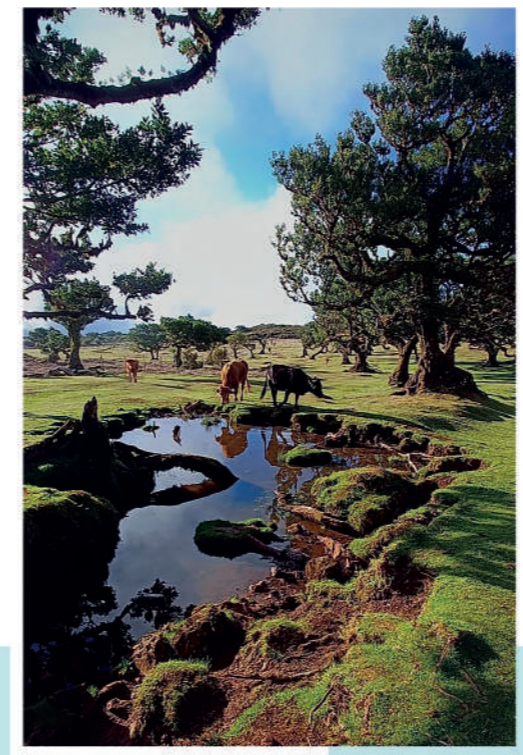
Com o passar do tempo, apaixonei-me cada vez mais. Sissi era uma mulher generosa em que, sempre que podia, ajudava aqueles que mais precisavam. Vi-a dar uma grande quantidade de dinheiro a uma mulher que cuidava sozinha dos seus filhos, após sair da Igreja da Sé. Nas ruas, as meninas começavam a imitar os seus atos e as pessoas admiravam-na. Apesar de tudo, quando a via sentada no seu quarto com a janela aberta, a brisa revelava-lhe na

cara uma expressão melancólica. Queria ajudá-la, mas, sendo ela uma esposa e imperatriz e eu um humilde membro do povo, não me podia revelar aos seus olhos. Calculei que tal tristeza se devia à saudade que sentia pela sua família. Para se animar comprou uma braguinha, com a qual aprendeu a tocar algumas músicas tradicionais madeirenses. Acredito que, apesar da cidade estar habituada a receber personagens de relevo, até agora nenhuma deixou uma marca tão importante. Após a Páscoa, a imperatriz Sissi partiu, deixando no meu coração a ânsia de dia voltar a vê-la.

Bibliografia:
Os Habsburgo na Madeira – Imperatriz Isabel – ABM
Fleming de Oliveira: SISSI E OS HABSBURG EM PORTUGAL (Madeira), VISTOS A PARTIR DE ALCOBAÇA



SOMBRA E REFLEXOS DA NATUREZA



Beatriz Ferreira
EBS da Ponta do Sol

NOTICIÁRIO

Chegada. — No dia 29 do mez findo entrou no nosso porto o bello hiate a vapor *Victoria & Albert* trazendo a seu bordo S. M. a Imperatriz d'Austria. Como já tinhamos noticia S. M. I. não quiz ser receebida com as honras que lhe eram devidas. Assim o repetiu ás primeiras autoridades do districto, que tiveram a honra de ser admitidas a bordo, pelas nove e meia horas da manha, a cumprimentar S. M. I. e receber as suas ordens.

Ao passar porem pela Fortaleza do Ilheo o escaler, que pelas 10 horas conduzia de bordo S. M. I. ao caes da Pontinha, deu esta Fortaleza uma salva, e na occasio do desembarque salvou tambem a Fortaleza de S. João Baptista. No caes estavam S. Ex.ª o sr. Governador Civil com o Ex.ª e Rv.ª Bispo da Diocese e demais Authoridades do Districto. A força publica estava postada ao longo da rua do caes, e fez a devida continencia quando S. M. I. passou, e em carro, em direcção a casa que mais facilmente se tinha podido preparar para sua residencia, a de Sr. Davies ao sitio da Vicia.

Foi numerosissimo o concurso de pessoas que desde o logar do desembarque ate a entrada da casa destinada a residencia de S. M. I. occupavam os lados das ruas, as janellas e mirantes. Era bella a perspectiva que offerciam as ruas pelos adornos d'ante mão preparados e pela variada concurrencia, em que appareciam entremeadas as mais notaveis bellezas da sociedade madeirense.

Em todos os rostos se devisava o sincero desejo de que o nosso clima possa ser proficuo no restabelecimento da importante saude de S. M. I.



Beatriz Correia
EBS/PE/C do Porto Moniz



OS PRIMEIROS VAMPIROS DA MADEIRA

A partir de agora, tudo o que sabes e todas as tuas crenças estão prestes a mudar. Estás preparada para isso? Bom, a verdade é que... sou um vampiro. E isto pode ser de doidos e podes não me levar a sério agora, mas tu precisas de saber de toda a verdade. E, neste momento, o que mais preciso é que confies em mim. Também vais precisar de tempo para assimilar melhor a situação, mas até lá, começa por me perguntar qualquer coisa, que irei ser totalmente honesto contigo!

Por onde queres começar?
– Hum... Eu não sei, sinceramente. Os vampiros não podem existir! Mas existem. Vampiros, bruxas, lobisomens... seja o que for!
– Unicórnios?

O sobrenatural em si é escondido de metade, talvez mais, da população mundial. O caos seria semeado se nós fôssemos expostos. Saberes isto já é perigoso por várias razões!

– Então por que me estás a contar?
Porque eu sei que posso confiar em ti. E quero garantir que também confias em mim. Vá, pergunta-me o que quiseres!

– Hum... quantos anos tens?
Sou um vampiro quicentenário... Isso quer dizer que tenho por volta de quinhentos anos. No meu caso, já são 558!

– Ai, sim? Então em que ano nasceste?
Sou de 1465, quando D. Afonso V era rei de Portugal. Nasci no Porto e vim de uma família de mercadores marítimos... O mais velho de três irmãos.

– E eles ainda estão vivos?
Não, eles não são como eu. E ainda bem! Ser vampiro não é bom para ninguém... nem mesmo para mim, que já ando há muito por aqui.

– E quando te tornaste num vampiro?
– Em 1490. No ano anterior, tinha finalmente chegado cá após três semanas de viagem pelo Atlântico. Como sabes, não tínhamos os navios a motor como temos hoje.

– Tu estás aqui na Madeira há mais de quinhentos anos?
– Não, mas foi a primeira vez que coloquei cá os pés.
– E o que eras na altura?
– Mercador marítimo. Estava à procura de oportunidades no negócio do açúcar e deves saber que a Madeira era conhecida na altura pela produção do açúcar.

– Sim, eu sei.
– E foi cá, em 1490, que conheci o meu primeiro amor, também conhecida por me ter tornado num vampiro. Ela chamava-se Isabella de Sousa. Embora fizesse parte de uma família de nobres de Lisboa, ela nasceu na Madeira e foi depois raptada e levada para o Arco. A Calheta tinha muitos engenhos e água. Conhecemo-nos numa festa, onde era a convidada de honra. Ai também foi a minha primeira vez. No calor do momento, ela mordeu-me no pescoço e, após alguns dias, tornei-me no que agora sou.

– E ela ainda está...?
Não, a Isabella faleceu.

– Como?
Tínhamos sofrido uma emboscada e ela sacrificou-se para eu poder escapar. Muitos pensaram que eu também tinha morrido naquela emboscada, poucos sabiam da minha nova natureza. Em todos os meus anos, foi a coisa mais altruísta que fizeram por mim. A minha vida mudou drasticamente após o que aconteceu. Desde então, aprendi a viver como vampiro e a esconder-me do resto do mundo. E é esta a minha história. Agora sabes da verdade!

Bibliografia e Webgrafia:
<https://rumdamadeira.com/rum-da-madeira/historia/>
https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Dinastia_de_Avis
<https://ensina.rtp.pt/artigo/a-industria-durante-a-expansao-do-imperio/>
<https://estudoemcasa.dge.mec.pt/2020-2021/5o-e-6o/historia-e-geografia-de-portugal/21>
https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Cronologia_da_hist%C3%B3ria_de_Portugal
https://sweet.ua.pt/mary/nova_pagina_6.htm, acessado em 20/02/2024
João França, António e Isabel do Arco da Calheta, (2021) Imprensa Académica



Nuno Melim
EBS Gonçalves Zarco
(Funchal)



CONTINUAR

DESISTIR

UMAS E OUTRAS

Muitas pessoas esperam
Que algo de bom aconteça
Sem sequer se esforçarem
Para fazer uma mudança,
Para melhorar o que tanto reclamam.

Outras simplesmente já desistiram
Por acharem que a vida está cheia
De coisas más que não têm sentido,
Pois nunca fizeram nada
Para mudar esse ponto de vista

Mas no fim, as pessoas
Que têm aquilo que esperam
São aquelas que trabalham
Para realizar os seus sonhos,
Sem nunca desistir

Esse tipo de pessoa,
que nunca desiste
É o tipo de pessoa que deveria
Ser seguida como exemplo,
E não uma pessoa que não se esforça.

Beatriz Ferreira
EBS da Ponta do Sol



BERLINDES DA RELATIVIDADE



Eva Pereira
EBS Dr. Luís Maurílio da Silva Dantas – Carmo
(Câmara de Lobos)



AMOR VENCEDOR

Nas profundezas do oceano, existia um reino de beleza e mistério, com criaturas coloridas e místicas. Poseidon era um homem robusto e musculado, com longos cabelos ondulados. Os seus olhos eram tão profundos quanto o oceano e a sua barba era bem cuidada, o que transmitia maturidade e sabedoria. Nesse reino submerso, poucos se arriscavam a explorar a superfície dos mares, temendo o desconhecido... apenas o Guardiã do Mar tinha permissão para fazê-lo. Anos depois, Poseidon herdou o trono do seu pai e assumiu o cargo de Guardiã. O seu sonho era conseguir explorar o espaço além das águas cristalinas em que vivia.

O sol iluminava as profundezas dos mares, o que cativava ainda mais Poseidon e o incentivava a iniciar a sua jornada. Sem hesitar, partiu sozinho, e, quando lá chegou, deparou-se com uma vasta quantidade de fauna e flora. Tudo aquilo lhe parecia fascinante. Mas, de súbito, um vulto passou rapidamente. Embora muito assustado, manteve a calma. De seguida, um som diferente ressoou ao seu ouvido, e uma mulher esbelta surgiu de entre os arvoredos. Poseidon nunca tinha visto beleza igual mas, com receio das intenções daquele ser, optou por se retirar.

Por entre aquela densa floresta, estendia-se um manto verdejante, com os seus segredos ocultos pelas sombras das árvores frondosas. O ar estava impregnado de um aroma ténio e do perfume doce das flores silvestres que pontilhavam o chão. A serenidade tomava conta do espaço, intensificada pela guardiã Artémis, de beleza surreal e vigorosa, com os seus cabelos longos e encaracolados, olhos penetrantes e intensos, e personalidade delicada, reflexo fiel da natureza circundante.

Passaram semanas desde a visita de Poseidon ao reino terrestre e este sentia que algo o incitava a fazer uma nova visita. Artémis previa que algo estava a caminho da sua floresta. Então, como Guardiã, pegou no seu arco e flecha, mas, ao deparar-se com aquele homem, em vez de uma luta sangrenta, eclodiu um amor ao primeiro olhar. Passaram horas infundas a falar, a admirar a beleza um do outro até que chegaram a um consenso: tinham de conciliar os seus reinos para que juntos fossem mais fortes. O sol pôs-se e a escuridão da noite tomou conta do céu. Poseidon caminhava para os seus mares, quando uma luz intensa cobriu aquela floresta. Labaredas de fogo consumiam cada folha. Os gritos de desespero da sua amada, ecoavam ao longe. Por entre a escuridão, surgiu Hefesto, guardião do fogo, que queria espalhar o caos e o sofrimento. Perante todo aquele desespero, o guardião do mar sabia que tinha de intervir rapidamente, não só para salvar a sua amada, mas também para salvar a natureza. Decidido, ergueu os mares sobre aquelas chamas, despejando ali as suas águas apaziguadoras. Hefesto havia sido derrotado pela união entre a terra e o mar e, desde então, perdeu-se no escuro dos céus. A aliança de Poseidon e Artémis não só restaurou a paz entre os reinos do mar e da terra, como demonstrou o poder do amor, essa força tão subtil quanto inextinguível.

Carolina Almeida
EBS/PE da Calheta



OS DEUSES MATARAM-NO

Na guerra, meu amado tombou, herói,
Coberto pelo manto escuro da morte.
A dama, em pranto, culpa os deuses, tão só,
Por ceifar-lhe o amado, sua própria sorte.

Ó meus deuses! No Olimpo tão alto,
Por que permitir a dor, a tristeza sem fim?
Meu amado, agora uma estrela no manto,
Brilha na noite, tão distante de mim.

Ele era como Aquiles, na batalha destemido,
Com a bravura de Hércules, seu peito inflamado.
Mas como Páris, apaixonado,
Tombou diante do destino, tão amargurado.

E agora, como Penélope, eu choro e espero,
Que algum dia nos reencontremos no além.
Mas os deuses, tão cruéis, não me dão o remédio,
E a dor, como uma fera, rasga meu coração, também.

Talvez, como Orfeu, eu desça aos abismos escuros,
Para buscar meu amor, para trazê-lo de volta.
Ou como Prometeu, desafiar os muros,
E roubar dos deuses a chama que me revolta.

Mas enquanto isso, neste mundo de dor,
Sigo cantando o lamento do amor que se foi.
E culpo os deuses, num eterno tormento,
Por terem levado o meu amado, o meu amor.

Que os deuses ouçam meu pranto e minha prece,
E tragam de volta o amado que se foi.
Que nos braços um do outro, o amor floresce,
E juntos, como heróis, viveremos o amor.

Sara Santos

EBS D.ª Lucinda Andrade (São Vicente)



DEAMBULAR



Luís Fernandes
ES de Francisco Franco (Funchal)



EM BUSCA DO DESCONHECIDO

Numa decisão corajosa, um jovem português começou a viagem mais impactante da sua vida. Em maio de 1961, com apenas 15 anos, partiu do porto do Funchal com destino à África do Sul, com o intuito de escapar do alistamento militar para combater na Guerra Colonial Portuguesa, que tomou lugar de 1961 a 1974. No decorrer dessa grande aventura, passou por diversas outras regiões africanas que o marcaram e deixaram uma história para contar.

A EQUIPA DE REPÓRTERES DA APEL PARTIU, IGUALMENTE, À DESCOBERTA E TENTOU SABER MAIS SOBRE A VIDA DESTA HOMEM. "EMBARQUEI PARA A ÁFRICA DO SUL UM MÊS ANTES DE COMPLETAR 16 ANOS, POIS, SE OS COMPLETASSE TERIA DE IR PARA ANGOLA", RECORDA JOSÉ DE CASTRO, ATUALMENTE, COM 77 ANOS. DIANTE DE UMA ESCOLHA ANGUSTIANTE, OPTOU POR EMBARCAR NUMA JORNADA EM BUSCA DE SEGURANÇA E LIBERDADE.

Após 13 dias a bordo do navio *'Infante Dom Henrique'*, nos quais passou por Luanda, Moçâmedes, Lobito e Cidade do Cabo, atracou em Maputo, capital de Moçambique, na época chamada de Lourenço Marques, onde ficou cerca de sete meses numa pensão. Na altura, estava desempregado: «Apenas fazíamos limpezas e serviços na pensão», conta José.

Cansado da situação em que vivia, saiu de lá com um grupo de outros portugueses, sendo ele o mais novo, acompanhados por um passageiro que os ajudou no percurso. Dirigiram-se à fronteira com Essuatíni, pequeno país, na altura Suazilândia. «Havia seis arames farpados, três de cada lado, com um rio ao meio: joguei a mala, vesti apenas uma peça de roupa, já não conseguia andar mais», relatou. Todo o grupo atravessou a fronteira, ajudado por habitantes locais, deixando todos os pertences para trás. «Permaneci apenas um dia na Suazilândia, antes de partir para Joanesburgo», o destino final. «62 pessoas num camião, para não sermos apanhados pela polícia, apertados como cargas de mercadoria», acrescentou. José chegou de mãos a abanar, apenas com um endereço que lhe foi dado pela sua mãe, antes de partir, relativo a um negócio pertencente aos primos. Conseguiu, finalmente, estabelecer-se numa localidade a oito mil quilómetros de casa. Desde então, José conheceu a sua esposa, teve dois filhos e trabalhou em diversas empresas, tendo sido galardoado pela companhia *Coca-Cola*, onde trabalhou durante vários anos. Regressou à Madeira, em 1986, onde reside até os dias de hoje. «Não me arrependo de nada: a experiência que ganhei fez-me ser a pessoa que sou hoje», declarou.

Eduarda Gouveia
Escola da APEL (Funchal)



A MUDANÇA MADEIRENSE NA LENTE DO PASSADO

Nos recantos da Ilha da Madeira, onde o Oceano Atlântico se encontra com as montanhas rochosas e os vales verdejantes, uma nova linha estava prestes a ser traçada na história do pequeno ponto num mundo tão grande. No ano de 1440, deu-se um momento marcante, após quinze anos desde os primeiros audaciosos passos em direção à colonização da Ilha da Madeira. Com o estabelecimento do governo, a ilha foi dividida em três partes, cada uma destinada a ser moldada pelas mãos de nobres navegadores.

Machico, com as suas riquezas naturais ainda não descobertas, foi confiado a Tristão Vaz Teixeira, cujo amor pelo mar rivalizava com sua ambição por novas terras. O encanto pelo desconhecido alimentava ainda os seus sonhos de conquista, levando-o sempre além. Bartolomeu Perestrelo, um homem de visão aguçada e coração destemido, foi designado para governar o Porto Santo, uma ilha misteriosa envolta em promessas e lindas praias. Seus olhos brilhavam com a perspectiva de desvendar os segredos daquela terra selvagem.

Enquanto isso, Gonçalves Zarco, conhecido por sua bravura e astúcia, recebeu a responsabilidade de liderar o povo do Funchal, uma região destinada a se tornar o epicentro da vida na ilha. Com um sorriso confiante e determinado, Zarco olhou para o horizonte, imaginando as grandes conquistas que aguardavam aqueles que se aventuravam pelo mar.

Mas as riquezas da ilha não se entregariam facilmente. A densa floresta que cobria a vasta extensão do território apresentou desafios formidáveis aos colonizadores. Sob a orientação dos capitães-donatários, os colonizadores lançaram-se ao trabalho árduo de abrir levadas através da selva impenetrável, desviando os cursos dos riachos e trazendo água para as áreas onde era necessária para a agricultura e o desenvolvimento da sociedade.

Enquanto o sol se erguia sobre a ilha, os sons do machado contra a madeira ecoavam pelas colinas, marcando o início de uma jornada épica rumo à conquista e ao progresso. Era o amanhecer de uma nova era para a Ilha da Madeira, onde as páginas da história se desdobrariam diante dos olhos dos audazes exploradores que a chamavam de lar.

BIOGRAFIAS

- **TRISTÃO VAZ TEIXEIRA**, destemido navegador do século XV, foi nomeado capitão-donatário de Machico, na Ilha da Madeira, em 1440. A sua coragem e visão contribuíram para a expansão do império português e o legado da colonização na Madeira.
- **BARTOLOMEU PERESTRELO**, navegador intrépido do século XV, foi nomeado capitão-donatário do Porto Santo, na Ilha da Madeira, em 1440. Pouco se sabe sobre sua vida anterior, mas sua determinação levou-o a explorar e colonizar a região, contribuindo para o seu desenvolvimento econômico da ilha.
- **GONÇALVES ZARCO**, explorador português do século XV, tornou-se capitão-donatário do Funchal, na Ilha da Madeira, em 1440. Zarco desempenhou um papel fundamental na colonização e desenvolvimento da ilha, estabelecendo as bases para a prosperidade futura.

Bibliografia:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_da_Madeira
<https://www.madeira-web.com/pt/madeira/factos/historia.html>
<https://www.worldhistory.org/trans/pt/2-1756/a-colonizacao-portuguesa-da-madeira/>

Maria Antónia Gouveia
EBS de Santa Cruz



DO PORMENOR ÀS VISTAS LARGAS



Alex Ferreira

EBS D.ª Lucinda Andrade (São Vicente)



CANÁRIO

Um vulto por entre o cinzento
Rodopia, saboria o vento,
Alegre, ingénio no meio do cimento.
Verá alguém esse momento?
Verá, ouvirá,
A voz do canário que ecoa por lá?

Pias, cantas, bradas,
Permanecem moucas as orelhas que percorrem as estradas.
Que terás a dizer?
Ouve-se urgência nessas canções ignoradas.
Serás tão ingénio quanto fazes crer?

Ó ave, preferível seria que assim fosse,
Que flutuasses na ignorância doce,
Do que caisses, condenada
Na imagem desse fel que o homem trouxe.

Não, animal, não jazes na ilusão.
Vês, claro e pleno como um dia de verão
O que se desenrola lá longe, no chão.

Vês o veneno que se espalha,
E impregna os corações das gentes,
Os olhares incertos, a confiança que falha.
"Amái-vos uns aos outros", foi-lhes dito,
E eles, de almas doentes,
Cravam em si mesmos a navalha.

Oh, essa pútrida navalha
De ver no outro uma batalha,
De não lhe segurar a mão.

Deixa-te, assim, pobre canário,
A piar, a cantar, a bradar,
Prantos para surdos numa mina de carvão.

Maria Victória Antunes
ES de Francisco Franco (Funchal)

RODOPIANDO NA ILHA



Cláudia Inês Ramos

EBS Bispo D. Manuel Ferreira Cabral (Santana)

ILHA DOURADA RECEBE ALUNOS DO MUNDO



Atualmente, estamos imersos num século onde a multiculturalidade é um facto omnipresente no nosso quotidiano e a nossa escola não foge a essa realidade. A ilha do Porto Santo é hoje ponto de chegada para recomeço de vida de muitas pessoas.

Alunos, vindos de diversas partes do mundo, não trazem consigo apenas as suas mochilas cheias de livros, trazem também as suas experiências pessoais, línguas maternas e perspetivas que enriquecem toda a comunidade escolar. A Escola Prof. Dr. Francisco de Freitas Branco, na ilha do Porto Santo, conta este ano letivo com 12 discentes que se deslocaram, por diferentes motivos, para a nossa ilha, ingressando num sistema de ensino diferente. Itália, Argentina, Bielorrússia, Venezuela e Brasil são apenas alguns exemplos.

Em conversa com três alunos estrangeiros do 3.º ciclo, a maioria a frequentar aulas de Língua Portuguesa Não Materna, ficamos a saber as suas diferentes perspetivas, anseios e desafios.

Nicolas é um aluno que veio de Inglaterra, país onde sempre morou. A mãe é portuguesa e o pai brasileiro. "Quando cá cheguei, as minhas expectativas para me integrar na escola eram baixas, devido à minha timidez. Fui-me adaptando aos poucos e neste momento já fiz bastantes amigos, portugueses e não só!" – confessou-nos. Apesar de já estar familiarizado com a língua portuguesa, ainda a considera difícil comparativamente com o inglês.

O mesmo não acontece com o Nico, jovem proveniente da África do Sul, que ainda apresenta muitas dificuldades na língua de Camões, sabendo apenas algumas palavras e frases simples. Nico considera que a sua mudança trouxe um choque cultural. No entanto, refere que "Portugal é mais seguro, tem uma melhor gastronomia e as pessoas, no geral, são mais amigáveis". A sua vinda fê-lo refletir sobre a importância do inglês, pois é uma língua universal e um elo entre as pessoas, independentemente da sua língua nativa.

Já a Lara, vinda do norte do Brasil, chegou ao Porto Santo por motivos familiares. Para esta aluna "a educação é muito melhor cá, tal como os professores, que se preocupam mais com os seus alunos, independentemente do país de onde vieram". Apesar da língua ser a mesma, existem palavras que a Lara não entende, devido aos diferentes significados e à sua pronúncia. Contou-nos também que fez muitos amigos logo no primeiro de aulas, tendo sido bem acolhida.

A verdadeira integração, como nestes exemplos, exige a valorização da diversidade e um sentimento de pertença à educação global, abrangente e harmoniosa.

Inês Silva

EBS/PE/C Prof. Dr. Francisco de Freitas Branco
(Porto Santo)



TRIUNFO DA LEGITIMIDADE

Helena vive a flor dos 35 anos, imersa numa névoa de vazio, qual sombra pertinaz. A advocacia, outrora um sonho acalentado, reveste-se, agora, de uma monotonia rotineira, vazia de paixão e propósito... e o casamento, que prometia um porto seguro, é um navio naufragado nas profundezas do oceano, sem tesouro algum...

As ruas alumiadas mostram o rosto familiar de Sofia, que o tempo não apagou. Trocou a toga pelos livros e, agora, é escritora de renome. Dois dedos de conversa apressada e Helena depressa absorve a aura de realização da amiga de tempos idos. Não está invejosa, não; porém, aquele encontro inusitado reacende na sua mente uma fâlsa há muito ofuscada.

Helena, perdida em pensamentos, mergulha nas memórias da juventude, de onde emerge o caderninho antigo, repleto de excertos seus. O desejo oculto floresce no seu coração... mas, num piscar de olhos, a voz da dúvida faz sucumbir qualquer indício de coragem. Helena está convicta de que o seu dom é menor... e, então, afoga os seus sonhos, sob o peso da comparação.

A noite é fatídica. Helena e Sofia recuperam a amizade (será?!). No apartamento de Helena, o computador passa pelo sono, escondendo a obra de Helena, no ecrã. Ali está Sofia, à espera que Helena termine de se maquilhar para uma saída noturna... e o computador parece piscar-lhe o olho. Sem pensar duas vezes, Sofia rouba a obra de Helena, sem qualquer resquício de culpa.

Sofia não perde tempo e apresenta a obra como sua, na editora. Adivinha-se um novo sucesso... Descaradamente, convida Helena para o lançamento do seu novo livro, certa de que nunca poderá ser provada a verdadeira autora.

Helena, inocente, percorre as redes sociais e vários posts sobre Sofia e o tão esperado sucesso gritam pela sua atenção. É impossível não notar as semelhanças com o seu próprio romance!

Com o coração a querer saltar do peito, Helena sente a ira borbulhar dentro de si. Agarra o manuscrito desconhecido aos olhos de Sofia e, com passos decididos e olhar destemido, sai de casa, pronta para confrontar a traição de frente e lutar pela verdade que lhe pertence por direito.

O lançamento da obra de Sofia está em pleno andamento. No auge do evento, Helena irrompe pela sala, marcando a sua presença imponente. Com voz firme e olhar acusador, Helena expõe, diante de todos, o plágio descarado, envergonhando Sofia perante todos.

– Parabéns pelo "teu" novo livro, Sofia! É realmente impressionante como conseguiste replicar o meu trabalho com tanta... fidelidade! – clama Helena, sarcasticamente, perante todos os fãs que se encontram na sala. Sofia nem tenta protestar, confiante de que nada poderá ser provado. Apenas olha Helena com desdém. Contudo, Helena ergue o seu manuscrito e apela aos críticos que façam a leitura nem que seja de uma página... e eis que a verdade salta aos olhos de todos.

Agora, sim, Helena está pronta, pronta para seguir o sonho tão assombrado pela malvez, mas, agora, nunca tão vivo, pelo triunfo da legitimidade.

Luana da Silva

EBS Padre Manuel Álvares (Ribeira Brava)



SESSÃO REGIONAL

A VOZ DOS JOVENS 50 ANOS DEPOIS DO 25 DE ABRIL

No ano em que se celebram os 50 anos do 25 de Abril, nada mais assertivo do que fazer ouvir a voz dos jovens relativamente ao que ainda está por melhorar na Educação, após este marco histórico.

No dia 12 de março de 2024 decorreu, na Assembleia Legislativa da Região Autónoma da Madeira, a Sessão Regional do Parlamento dos Jovens - Secundário, dirigida pela Presidente de Mesa Leonor Leme, da EBS Bispo D. Manuel Ferreira Cabral, tendo por tema: **'VIVER ABRIL NA EDUCAÇÃO - CAMINHOS PARA UMA ESCOLA PLURAL E PARTICIPATIVA'**. Como deputados efetivos, da nossa escola, contou-se com Maria Eduarda Teixeira, Madalena Freitas e João Pedro Câmara. Além destes, Flávio Leal foi o deputado suplente.

A Sessão Regional, às 09h30, contou com discursos das entidades presentes, o Senhor Presidente da Assembleia Legislativa da Região Autónoma da Madeira, José Manuel Rodrigues, a Senhora Secretária Regional da Inclusão e Juventude, Ana Sousa, e o deputado da Assembleia da República, Dinis Ramos. Em seguida, efetuou-se a apresentação das escolas e dos seus deputados e iniciou-se o período de perguntas ao Senhor Deputado, Dinis Ramos, durante aproximadamente 35

minutos. Posteriormente, realizou-se um intervalo dos trabalhos, sendo reaberta a sessão por volta das 11h15. Nesta fase, fez-se a apresentação dos Projetos de Recomendação de cada escola e o debate na generalidade. Após todos os pedidos de esclarecimento, ou apreciações gerais sobre os projetos em debate, desenrolou-se a votação, tendo-se sagrado vencedor o projeto da EBS de Santa Cruz, com 12 votos e, em segundo lugar, o Projeto da Escola de Santana, com três votos de diferença. Aprovado o projeto-base, os participantes puderam confraternizar num almoço-convívio, reabrindo a sessão por volta das 14h30. No debate, as escolas juntaram-se, formando três grupos de trabalho, para apresentarem propostas de eliminação, alteração ou aditamento de novas propostas ao projeto-base.

Debatido, votado e aprovado o Projeto de Recomendação do Círculo da Madeira, com quatro medidas no total, passou-se à eleição dos Deputados e do Porta-Voz do Círculo da Região na Sessão Nacional. A primeira escola apurada foi a ES de Francisco Franco, tendo o deputado Iago Macedo Fernandes sido eleito como Porta-Voz na Sessão Nacional e, em segundo lugar, a ES de Jaime Moniz, após um desempate entre esta e as escolas EBS Gonçalves Zarco e EBS Bispo D. Manuel Ferreira Cabral. A última etapa foi a votação do tema a propor à Assembleia

da República para o próximo ano. O tema mais votado foi: 'Dignidade na Habitação'.

Concluiu-se, assim, mais uma Sessão Regional do Parlamento dos Jovens de muito trabalho e empenho por parte de todos os participantes, com um discurso de encerramento da Presidente da Mesa, que expressou agradecimentos a todos os presentes e convidou-os a assistir ao último projeto do dia, o concurso 'EUROSCOLAS', com os alunos Eduarda Teixeira e Flávio Leal que representaram, dignamente, a nossa escola.

Beatriz Rodrigues
EBS Bispo D. Manuel
Ferreira Cabral (Santana)



VIAJAR

Viajar era uma atividade remota, era algo unicamente feito por uma elite, mas com o passar dos anos foi-se tornando acessível a qualquer pessoa e hoje assistimos a uma crescente procura pelas viagens.

A maior parte da população gosta ou deseja viajar com o objetivo de descobrir, realizar diferentes atividades, conhecer mais culturas, degustar a comida, descobrir as tradições, a música, a história, as danças, os monumentos. Há também quem o faça por motivos profissionais. Em muitos casos, no entanto, não se viaja por lazer, mas sim por necessidade, porque o país de origem não é seguro ou porque não oferece estabilidade económica.

Além das pessoas que gostam ou desejam viajar, também existem as que não gostam de o fazer, por variadíssimas razões, claustrofobia, medo de ir à descoberta ou a mera apatia perante a novidade.

Do meu ponto de vista, viajar é algo que toda a gente deveria fazer pelo menos uma vez na sua vida, porque além de ser divertido e poder ser um momento de relaxamento, também expande o nosso conhecimento de muitas maneiras, através do contacto com outras pessoas, pela aprendizagem de outros idiomas ou pelas atividades que realizamos. Hoje em dia, temos a possibilidade de viajar e devemos fazê-lo, pois é importante sair da zona de conforto e da nossa realidade para conhecer muitas outras.

Ivana Fernandes
EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva
(Funchal)



ARTIGO
de OPINIÃO

ILUSTRAÇÃO

O MOSTRENGO

Inês Lousada
ES de Jaime Moniz (Funchal)

EVENTO

ORGULHO E MÉRITO
NA EBS D.ª LUCINDA ANDRADE (SÃO VICENTE)

31 ANOS DE EBSDLA REPLETOS DE HONRA

No dia oito de março, decorreu a cerimónia comemorativa do aniversário da Escola Básica e Secundária Dona Lucinda Andrade, no pavilhão gimnodesportivo de São Vicente, onde teve lugar também a entrega dos prémios de mérito e excelência aos alunos que se distinguiram nas suas notas e atitudes ao longo do ano letivo 2022/2023.

Nesta cerimónia, estiveram presentes o Diretor Regional da Educação, Marco Gomes, a Vereadora da Educação da Câmara Municipal de São Vicente, Rosa Castanho, os Órgãos de Gestão da Escola, professores, alunos, pais e outras mais entidades. Esta comemoração iniciou-se pelas 14 horas com diversos momentos musicais e discursos a congratular toda a comunidade educativa e os diversos intervenientes. Foi projetado um vídeo que apresentava várias atividades desenvolvidas durante o passado ano

letivo e que apelava à participação ativa na educação. Depois, procedeu-se à entrega dos prémios de mérito e excelência aos alunos merecedores da nossa admiração.

Para finalizar, todo o público presente foi convidado para um lanche no bar da escola, onde se cantou os parabéns aos 31 anos da EBSDLA e se promoveu um salutar convívio entre todos.

Ao longo desta tarde, os professores, encarregados de educação e familiares revelaram o orgulho que sentem pelas conquistas dos seus educandos, proferindo expressões como «o meu maior orgulho é ver-te crescer e aprender» e «conquistem o vosso lugar ao sol».

Leonor Benedito
EBS D.ª Lucinda Andrade
(São Vicente)

DOIS MIL MENOS DOIS

Nunca sabemos o grande impacto que algo terá para nós. Uma coisa simples, um gesto suave, um pormenor quase desneccessário, uma pessoa que se pensava eterna. Coisas, momentos, pessoas, lugares ou mesmo cheiros que deixam marcas. Gostava de ir à cidade com a minha mãe, parecia fugir à vida diária, era um mundo totalmente diferente, era a azáfama dos transeuntes, a pressa inadiável, os encontros e desencontros. Sabia que a minha mãe iria comprar-me algo, comida, vestuário ou um mero brinquedo, era um momento de expectativa e de felicidade.

A minha cidade era verde. No verão, enquanto andávamos no passeio, conseguíamos ver a sombra das folhas, sentíamos o calor da natureza e das pessoas. A cidade estava tão viva como a própria natureza. O inverno congelava tudo e a cidade, apesar de fria, tornava-se quente sob o olhar brilhante de quem nela circulava. Todos deambulavam agilmente, as janelas dos edifícios iluminadas e a sua cor verde numa sintonia de luz que trepassava os corações humanos.

A minha cidade era um lindo poema que todos sabiam e amavam. Era uma suave melodia que se perpetuava ao longo do ano. Um belo quadro, a mais bela rosa do jardim e a mais transcendental palavra. Eu ia voltar para casa, ia finalmente para casa. Apregoem ao mundo que irei voltar, digam à cidade que irei voltar. Quero que a chuva limpe toda a dor. Sei que perdoaram os meus erros. Voltarei para casa.

O que fizeram à minha cidade? Destruíram-na. Não vi a minha cidade, não vi o verde. Vi apenas o cinzento. Já não conhecia aquele poema, odiava a nova melodia, não percebia o novo quadro, as cores tinham-se diluído. Desejei que lá estivesse. Quem acabou por destruir tudo? Desejei voltar para ver a neve, experienciar o que me transmitia a nostalgia. A desilusão foi tremenda, nada era igual, não me revia naquele espaço que antes fora meu.

Oh cidade, brilha sem mim, escreve um novo poema, compõe uma nova e bela melodia, volta a ser a mais bela de todas.

Corina Lesan
EBS Dr. Ângelo Augusto da Silva
(Funchal)

ILUSTRAÇÃO

REINVENTANDO DALI
A GIRAFAS EM CHAMASBeatriz Cabral
EBS/PE da CalhetaARTIGO
de OPINIÃOENCONTRO
INTERGERACIONAL

Na primeira semana de março, na EBS de Machico, tivemos a oportunidade de fazer uma breve visita ao passado. Nos corredores do edifício Norte, através de exposições fotográficas e etnográficas, ficámos a conhecer um pouco mais sobre a realidade dos mais antigos. Ao longo do corredor principal foram colocadas fotografias mostrando não só a freguesia de Machico, mas também outras da Ilha, com alusão às mais diferentes atividades, desde a caça às baleias, passando pelo trabalho nos campos, culminando com as festas tradicionais. Na subida para o segundo piso foi criada uma "sala de cinema temporária", isolada com cortinas, com um tapete no chão para nos sentarmos, onde foram projetadas algumas das atividades referidas anteriormente. Entre estas fotos projetadas, as que me chamaram mais a atenção foram as do festival de Ano Novo. Atualmente, o nosso festival madeirense é reconhecido a nível mundial. É satisfatório reconhecer que, há 50 anos, este já era grandioso e bonito.

Para concluir, esta experiência teve uma realização fenomenal e cativante para qualquer aluno, funcionário ou professor que se cruzasse com a mesma.

A importância do reconhecimento do passado é fundamental para os mais novos, é também importante para os mais velhos, que estiveram presentes e puderam partilhar as suas experiências e ensinamentos.

Afonso Silva
EBS de Machico

ÀS MULHERES DA MINHA VIDA

Todos nós somos um puzzle construído com as peças de quem, por ora, passou na nossa vida. Resta-nos sermos nós a juntá-las e formar uma imagem bonita. Muitas memórias também são pilares da nossa identidade, embora, por vezes, pareçam distantes, não estão esquecidas. Foi esta a conclusão a que cheguei, quando relembro, nostálgica, fotos da minha infância e percebia como tudo é tão volátil — pessoas, espaços, pensamentos —, mas que tudo acaba por ficar, a partir daí, inalterado.

Passou-se o Dia da Mulher! Este dia são todos. Prova disso sou eu, criada pelas mais sábias palavras e as mais delicadas mãos. Eu não seria quem sou, certamente, se não tivesse tido o calor de quentes abraços da minha mãe em dias em que o mundo era frio e hediondo, ou de ter tido o privilégio de ouvir histórias do passado e canções da minha avó, que mas transmitia com um sorriso genuíno e lucidez no olhar. Uma grande prova do que tenho dito, é a condição de alzheimer que fazia com que a minha avó tivesse dificuldade em se lembrar de pormenores simples do quotidiano ou do presente em si, começando até a revelar algumas dificuldades em reconhecer caras. Contudo, apenas por lhe dar a mão ou cantar alguma canção do seu tempo, a memória parecia sair de um

estado senil para uma impressionante mudança no seu comportamento, em que era capaz de contar, com impressionante detalhe, as imagens guardadas na sua mente. O seu cérebro ficava cada dia mais debilitado, todavia, o seu espírito protetor continuava bastante presente: «Tira-me esses patins que ainda cais!» — dizia-me com preocupação.

Por vezes, ficávamos só sentadas, no banco de jardim, a sentir a brisa que arrastava folhas pelo chão e que era calada pelo cantar dos pássaros. Às vezes, este silêncio era interrompido por letras de abril como «Somos Livres» de Ermelinda Duarte, perpendicularmente ao grito da Legião Portuguesa e outras músicas tradicionais: «Primavera das flores»; «Bailinho da Madeira»... Podemos concluir que gestos simples de carinho têm o poder de resgatar suporte e reconhecimento ao longo da nossa vida, é fundamental aprendermos a compartilhar esse amor com os demais, tornando o mundo um lugar mais acolhedor e repleto de significado. Além do mais, aprender a dar valor àqueles que temos à nossa beira enquanto estão cá e perceber que o amor incondicional será o mais forte e duradouro de todos. É o mais puro e desinteressado.

Luana Traqueia
Escola da APEL(Funchal)



ALUNOS DA ÁUSTRIA VISITARAM O PORTO SANTO

Na última semana de aulas do 2.º período, 30 alunos do ensino secundário e quatro professores da escola Bundesgymnasium Zehnergasse, da pequena cidade de Wiener Neustadt, bem perto da capital austríaca, visitaram a ilha do Porto Santo. O intercâmbio materializou-se através do programa

Erasmus+ 'Capacitar para Incluir', liderado pelas docentes Rosalina Gomes e Sónia Cortesão.

Foram diversas as atividades preparadas pela nossa escola, envolvendo também dezenas de alunos porto-santenses. Uma conferência sobre a biodiversidade marinha do Porto Santo, observação de

aulas na nossa escola, uma caminhada interpretativa pela vereda do Pico do Facho, uma visita guiada ao Museu Colombo e aos principais monumentos do centro histórico da ilha, bem como ainda desportos de mar e um jantar-convívio tornaram inesquecíveis os poucos dias que os alunos austríacos passaram na

Ilha Dourada.

A breve trecho uma comitiva da nossa escola retribuirá a visita à sua congénere austríaca, dando assim corpo a um dos principais objetivos do projeto, promover a mobilidade individual ou de grupos para fins de aprendizagem.

Inês Silva e Leonor Drumond
EBS/PE/C Prof. Dr. Francisco de Freitas Branco
(Porto Santo)

O QUE FAZ DE MIM UM BOM CIDADÃO?



ARTIGO
de OPINIÃO

Todos nós conhecemos os nossos direitos e deveres, mas será que é apenas isso que faz de nós bons cidadãos? A definição de cidadão é imensamente vasta e relativa, pois cada país, cada pessoa, tem diferentes ideias do que poderá ser o comportamento de um cidadão exemplar. Creio que entre as muitas qualidades que um verdadeiro cidadão possa ter e que beneficie o seu país e

comunidade, a que lhes serve de base e a mais importante é, sem dúvida, o seu sentimento patriota, o sentimento de procura de defesa da nação. Não me refiro apenas à defesa do país do ponto de vista militar, pois ser patriota é muito mais que isso! É procurar sempre uma maneira de defender o nosso país, a nação que nos acolhe. De facto, existem inúmeras maneiras de integrar essas práticas no quotidiano de cada um,

como, por exemplo, tentar envolver-se mais com a política e regência do seu país; não deixar esta função nas mãos de oportunistas e governantes que mancham a imagem de uma nação. Ser nacionalista e patriota não passa apenas pelos pontos anteriormente referidos, pode partir de simples ações no seio de uma comunidade, como ajudar o próximo das mais diversas maneiras. Ensiná-lo é uma delas, o que faz dos professores um

extraordinário exemplo de crescimento de uma nação, entre muitos outros. Como foi demonstrado, ser bom cidadão não passa apenas por cumprir um certo número de regras e poder usufruir de algumas regalias, trata-se de querer estar envolvido na sua comunidade, trazer-lhe benefícios e também defendê-la, interagindo cultural e socialmente.

Catarina Vieira
EBS de Machico

a da Madeira!



RIATIVIDADE



PRÉMIO '+CRIATIVIDADE'

Luana Coelho, da EBS Padre Manuel Álvares (Ribeira Brava), destacou-se com o seu artigo 'O Estigma da Saúde Mental', um tema atual e importante que realça a urgência de quebrar preconceitos e promover o apoio mútuo. «Ninguém está sozinho» nesta jornada.

Este trabalho valeu-lhe o 'Prémio + Criatividade', uma distinção concedida pelo Gabinete do Secretário Regional de Educação, Ciência e Tecnologia, com o patrocínio do PLAZA Madeira, em reconhecimento não só pela sua habilidade na escrita, mas também pelo seu contributo com uma causa social tão relevante.

Acompanha-nos nas redes sociais e inspira-te com os artigos e vozes dos estudantes da nossa região.

Não percas, na próxima edição do 'Ponto e Vírgula', a 22 de maio, o anúncio dos vencedores do concurso 'Grande Ideia'.